

SEFIC2018
UNILASALLE

CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA A
REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

22 A 27
DE OUTUBRO

A INTERCULTURALIDADE COMO ESTRATÉGIA PARA UMA EDUCAÇÃO DESCOLONIZADORA NA AMÉRICA LATINA

João Alberto Steffen Munsberg, Otávio Nogueira Balzano, Gilberto Ferreira da Silva
(orient.)

Universidade La Salle

RESUMO

Este texto aborda a interculturalidade na perspectiva da descolonialidade, tendo como objetivo refletir sobre uma proposta de educação intercultural descolonizadora. Trata-se de um estudo de cunho bibliográfico exploratório, com reflexões a partir de aportes teóricos de pensadores latino-americanos. Postula-se que descolonizar demanda construir experiências de colaboração intercultural, dialogando com os “outros” em ações comunitárias.

Palavras-chave: *Interculturalidade, descolonialidade, educação intercultural descolonizadora.*

Área Temática: Ciências Humanas (CH).

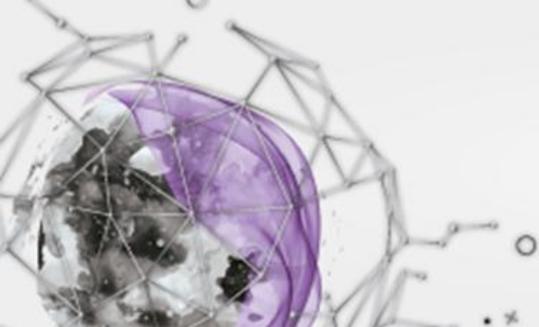
1 INTRODUÇÃO

Neste texto aborda-se a problemática situação de inserção do Brasil na América Latina, tema analisado no contexto do giro descolonial latino-americano. Essa temática se insere na tendência contemporânea de investigações e reflexões sobre um “pensamento outro”, cujas pretensão e abordagem são distintas do que é defendido pela modernidade eurocêntrica. O assunto ganha importância a partir de reflexões e debates realizados pelo coletivo do Grupo de Pesquisa em Educação Intercultural (GPEI), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da Universidade La Salle (UNILASALLE), de Canoas/RS, Brasil.

Este trabalho tem como objetivo maior refletir sobre uma proposta de educação intercultural descolonizadora e propor considerações sobre possibilidades da decolonização do currículo escolar desde o contexto brasileiro, mediante a formação para a interculturalidade no âmbito da academia. Em termos metodológicos, trata-se de um estudo de cunho bibliográfico exploratório, com reflexões a partir de aportes teóricos de pensadores que trabalham a temática.

Contempla-se o debate instaurado no contexto latino-americano, de modo geral, buscando-se aproximações com a questão no Brasil. Reflexões realizadas, mesmo que resultantes de leitura seletiva, mostram que pensar a decolonização da educação é tarefa complexa e desafiadora, porém necessária no contexto atual. E a interculturalidade se apresenta como a estratégia viável para a concretização da proposta, o que requer, entretanto, investimentos na formação de docentes e discentes nessa perspectiva.

A América Latina abarca grande diversidade histórica e cultural, ao mesmo tempo em que apresenta muitas semelhanças no processo de formação e constituição das nações. Em que pese as semelhanças, persiste um forte estranhamento da sociedade



SEFIC2018
UNILASALLE

CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA A
REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

22 A 27
DE OUTUBRO

brasileira, especialmente as elites, em relação às demais nações latino-americanas. Pensa-se que a aproximação entre as nações seja viável mediante um reposicionamento da intelectualidade brasileira, notadamente com a atuação da academia na busca de uma efetiva integração no campo educacional. Acredita-se que a educação intercultural se constitua em fator propulsor da descolonização, remetendo para a construção de uma “sociedade outra” no Brasil, mediante a superação de velhos discursos, de estruturas excludentes e de posturas discriminatórias.

2 REVISÃO

A imersão na literatura latino-americana possibilitou vislumbrar a complexidade teórica da produção existente, contemplando o debate instaurado pelos integrantes do Grupo Modernidad/Colonialidad (GM/C) e outros pensadores contemporâneos. O GM/C constitui-se, originalmente, numa “coletividade de argumentação”, atuando coletivamente em relação a conceitos e estratégias, porém adotando ênfases e trajetórias distintas. Não obstante, os pensadores configuraram um projeto intelectual e político designado como projeto decolonial”, propondo um “pensamento outro” realizado desde um “lugar outro” – a América Latina.

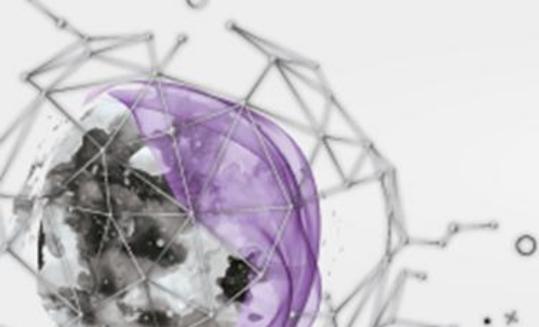
Pressupostos teóricos do GM/C e de pensadores afins constituem-se em referencial para a tentativa de compreender essa experiência latino-americana e, assim, buscar a aproximação do Brasil com as demais nações. Os pensadores da modernidade/colonialidade adotaram a expressão “giro decolonial”, cunhado pelo filósofo porto-riquenho Maldonado-Torres (2008), para definir o projeto, trazendo a noção de virada para expressar a transformação epistêmica em relação à colonialidade. “Giro decolonial” implica um redimensionamento epistêmico, questionando a racionalidade eurocêntrica.

Conforme Walter Mignolo (2007), “[...] el pensamiento decolonial emergió en la fundación misma de la modernidad/colonialidad como su contrapartida.” (p. 27). Para o pensador argentino, a América Latina é uma invenção que se insere no processo de constituição da modernidade, sendo fruto da colonização cultural. Nas palavras de Maldonado-Torres (2008, p. 66),

El concepto de giro des-colonial en su expresión más básica busca poner en el centro del debate la cuestión de la colonización como componente constitutivo de la modernidad, y la descolonización como un sin número indefinido de estrategias y formas constestatorias que plantean un cambio radical en las formas hegemónicas actuales de poder, ser, y conocer (MALDONADO-TORRES, 2008, p. 66).

Para o filósofo, a descolonização do poder, do saber e do ser somente é viável mediante uma atitude descolonial, isto é, uma postura crítica ante a colonialidade e suas implicações. Nessa mesma perspectiva, Restrepo e Rojas (2010) abordam a “inflexão decolonial”, criticando a tripla dimensão da colonialidade: a inferiorização de seres humanos diferentes (colonialidade do ser), a marginalização de sistemas de conhecimento diferentes (colonialidade do saber) e a hierarquização de grupos humanos e de lugares para explorá-los (colonialidade do poder).

Esse novo paradigma, por assim dizer, critica o eurocentrismo e sua teoria dominante, propondo o diálogo em nível de igualdade entre colonizado e colonizador. A teoria decolonial não visa a homogeneização em nome dos “subalternos” coloniais, não propõe outra generalização ou universalização. A “inflexão decolonial” não é uma inversão



SEFIC2018
UNILASALLE

CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA A
REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

22 A 27
DE OUTUBRO

dentro da ordem dicotômica regida pela modernidade; não busca assumir o lugar do paradigma hegemônico, mas sim mudar as condições em termos epistêmicos e de poder. Para Restrepo e Rojas (2010), a “inflexão decolonial” contém traços centrais defendidos pela “comunidade de argumentação”: a) a distinção entre colonialismo e colonialidade; b) a colonialidade como o lado obscuro da modernidade; c) a problematização dos discursos eurocentrado e intramodernos da modernidade; d) o pensar em termos de sistema-mundo de poder; e) a “inflexão decolonial” como um “paradigma outro”; e f) a “inflexão decolonial” visando consolidar um “projeto decolonial”.

Para sociólogo Ramón Grosfoguel (2006), a “inflexão decolonial” não é uma mera crítica antieuropeia; trata-se de uma proposta de superação da modernidade eurocêntrica sem descartar o melhor da modernidade. Não é um novo paradigma, mas um “paradigma outro”. Ou melhor ainda, como refere o antropólogo colombiano Arturo Escobar (2003), um “pensamento outro”. Este conceito foi criado por Abdelkebir Khatibi, sociólogo marroquino, propondo a construção de outro modo de poder, de ser e de saber, diferente do modo implantado pela colonialidade. “Pensamento outro” parece ser mais adequado, pois se trata de um conceito não plenamente consolidado.

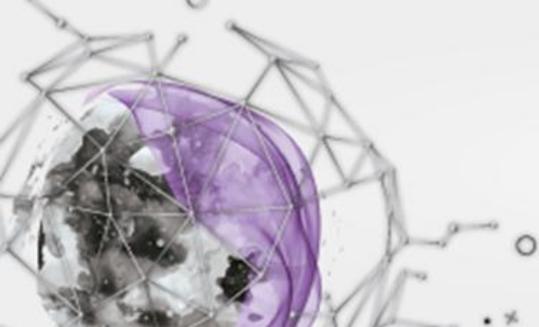
Na perspectiva de um “pensamento outro”, o sociólogo peruano Aníbal Quijano (2002) destaca que a crítica do paradigma europeu da racionalidade/modernidade é necessária e urgente, o que se realiza mediante a descolonização epistemológica, proporcionando a liberação das relações interculturais e o intercâmbio de experiências. Corroborando tal ideia, Mignolo (2007) ressalta: “La actualidad pide, reclama, un pensamiento decolonial que articule genealogías desperdigadas por el planeta y ofrezca modalidades económicas, políticas, sociales y subjetivas ‘otras’.” (p. 45). E aqui se inscreve a interculturalidade, uma outra concepção de cultura e de sociedade. Mas isso já é questão metodológica, ou seja, a interculturalidade como elemento propulsor da integração latino-americana.

3 METODOLOGIA

Leitura de textos selecionados, reflexões, discussões e debates são procedimentos habituais realizados pelo coletivo de pesquisadores vinculados ao GPEI. Como já exposto anteriormente, o grupo explora os pressupostos teóricos do GM/C e de pensadores afins, aprofundando questões relacionadas à interculturalidade no campo da educação sob a perspectiva da descolonialidade.

Este texto, em termos metodológicos, resulta de um estudo de cunho bibliográfico exploratório, com reflexões a partir de aportes teóricos já referidos e de análise de produções acadêmicas. Assim, nesta pesquisa contempla-se o debate instaurado no contexto latino-americano e faz uma imersão na produção brasileira relacionada à temática.

Utilizando-se o descritor “interculturalidade e formação de professores”, procedeu-se à busca no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O resultado refinado pela área de concentração em Educação indicou 6.945 registros, considerando-se apenas documentos de origem da Plataforma Sucupira de 2013 a 2016. Quanto ao nível das produções, 1.877 (27,3%) são teses de doutorado e 5.068 (72,3%) são dissertações de mestrado. Uma varredura nos resumos dessas



SEFIC2018
UNILASALLE

CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA A
REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

22 A 27
DE OUTUBRO

produções, a partir do título e das palavras-chave de cada uma, resultou na seleção de 316 trabalhos relacionados com a temática. A leitura desses resumos possibilitou a seguinte categorização: a) epistemologia outra (oito produções); b) formação de professores (20); c) interculturalidade (23); d) interculturalidade e formação de professores (24); e) ênfases diversas (241). Portanto, apenas 24 produções relativas ao recorte contemplam plenamente a busca pelo descritor “interculturalidade e formação de professores”.

O propósito da apresentação desses dados é demonstrar que a temática interculturalidade, tão cara no debate promovido pela intelectualidade latino-americana, ainda não tem o tratamento de extensão e profundidade que merece de parte da academia no Brasil. Assim sendo, sem analisar as referidas produções – pois não é objetivo deste estudo –, busca-se ressaltar o papel da interculturalidade na perspectiva da descolonialidade.

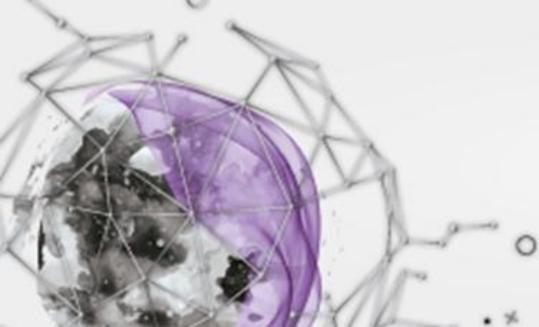
Conforme a linguista Catherine Walsh (2005), a interculturalidade é um projeto e processo contínuo por construir. Daí que a pesquisadora fala em interculturalizar estruturas, instituições, relações e modos de pensar impregnados pela lógica racial, moderno-colonial-eurocentrada. Nesse sentido, Walsh propõe trabalhar para a descolonização das mentes, isto é, para a descolonialidade. Tal processo tem como ponto de partida o questionamento ao poder dominante e à colonialidade do poder, do ser e do saber. O questionar essas condições possibilita reconhecer identidades e a diferença (colonial) e fortalecer o pensamento próprio, “pensamento outro”. Reconhecer e fortalecer a si próprio remete ao processo de construção de uma sociedade intercultural, caracterizada por novas condições sociais de poder, ser e saber. E isso já se manifesta como descolonização. Concomitantemente, o reconhecimento e o fortalecimento de si próprio implica relacionar o próprio e o diferente, resultando de um lado o pensamento outro e de outro lado o pensamento fronteiriço. Pensamento outro e construção de modos outros de poder, ser e saber inter-relacionam-se mutuamente. O mesmo acontece entre pensamento fronteiriço e transformação de estruturas, instituições, relações e conhecimentos. Pensamento outro e pensamento fronteiriço articulam-se constituindo o chamado posicionamento crítico ou fronteiriço, o qual contribui para construir modos outros e transformar realidades. Construção e transformação dessas instâncias são processos contínuos de descolonização, culminando na formação de uma sociedade intercultural, com novas condições sociais de poder, ser e saber.

Interculturalizar, no sentido de promover o diálogo entre culturas e sociedades, pode ser, portanto, o caminho para a efetiva integração da América Latina.

Análise e discussão de dados

A América Latina é polissêmica, apresentando semelhanças e diferenças na constituição das nações, vivenciando problemas comuns que requerem soluções compartilhadas. Todavia, motivos de toda ordem – econômica, política, social e histórica – resultam no distanciamento do Brasil em relação às demais nações.

Diferenças de processos de colonização e descolonização impregnaram o imaginário da elite brasileira, com repercussões em toda a sociedade. É notório que as classes dominantes, como a elite intelectual, a aristocracia econômica e os políticos de vertentes conservadoras apresentam um estranhamento em relação aos demais países latino-americanos. Existe uma negação de pertencimento do Brasil à América Latina, ignorando semelhanças históricas e culturais e discriminando os “outros”. Os brasileiros não



SEFIC 2018
UNILASALLE

CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA A
REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

22 A 27
DE OUTUBRO

conhecem seus vizinhos. Observa-se que a sociedade brasileira incorporou a colonialidade. Tal situação gera dificuldade de inserção do Brasil numa identidade latino-americana.

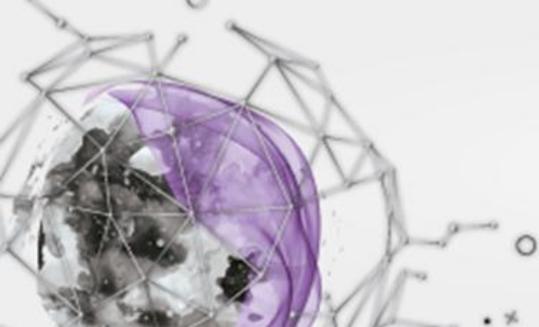
Diante desse quadro, indaga-se: quais são as perspectivas de uma “virada descolonial” no Brasil? A solução passa pela educação intercultural descolonizadora: interculturalizar para descolonizar. Interculturalizar implica promover a interculturalidade autêntica, o que a pensadora Catherine Walsh chama de interculturalidade crítica, isto é, “[...] como proyecto político-social-epistémico-ético y como pedagogía decolonial [...]” (WALSH, 2010, p. 76). Nessa perspectiva, a interculturalidade pode ser entendida como um processo voltado à transformação estrutural e sócio-histórica para todos: “[...] la interculturalidad es práctica política y contrarrespuesta a la geopolítica hegemónica del conocimiento; es herramienta y manifestación de una manera ‘outra’ de pensar y actuar.” (WALSH, 2005, p. 47). Corroborando o pensamento de Walsh, a pesquisadora brasileira Vera Maria Candau defende a necessidade de as práticas educativas buscarem o aprofundamento “[...] no processo de interculturalizar a escola, o currículo e a sala de aula.” (CANDAU, 2016, p. 349, grifo da autora). Estudo realizado com um grupo de professores de educação básica constatou que as participantes têm muitas dificuldades em incorporar a perspectiva intercultural em suas práticas pedagógicas, mormente pela prevalência da lógica que privilegia a homogeneidade, a padronização e a monoculturalidade. Tal constatação pode ser comprovada pela observação das principais “marcas” comuns das culturas escolares elencadas:

organização do espaço e dos tempos padronizada, ritos formais de avaliação, “cultura da avaliação” (mais forte nos últimos anos com a multiplicação de provas locais e nacionais); ritos de entrada, saída, chamada, uniforme; normatização, disciplinamento, controle; “ordem” escolar e social; “adequação às normas hegemônicas e monoculturais do ‘certo, correto, aceitável e bom’”; sala de aula, em geral com a mesma disposição (alunos enfileirados, quadro negro/verde/branco na frente, etc); seriação–hierarquização das disciplinas escolares; em geral painéis a serviço da organização, e da gestão da escola; pouca participação dos alunos na construção dos painéis e na decoração da escola (CANDAU, 2016, p. 351-352).

Refletir sobre esse quadro educacional provoca um questionamento: como interculturalizar a escola, o currículo e a sala de aula? Fundamentalmente, concordando com Candau, é preciso problematizar. Assim, interculturalizar pressupõe questionar e questionar-se sobre sistemas, normas, conceitos, práticas, posturas e atitudes. E tudo isso remete para um ponto convergente: a formação docente e, na sua esteira, o papel da academia. Dessa forma, volta-se ao foco deste texto: perspectivas da descolonialidade no Brasil.

Entende-se que a educação intercultural descolonizadora é, assim parece, a estratégia para a mudança de pensamento no Brasil em relação às demais nações latino-americanas. Apesar de alguns avanços representados por ações afirmativas, decorrentes de pressões de movimentos sociais, há um campo enorme a ser descortinado, sobretudo, pela academia.

No contexto acadêmico, a interculturalidade requer mudança de atitude e de postura dos pesquisadores em relação ao papel da própria academia. Para o sociólogo argentino Daniel Mato (2017) não basta teorizar e dialogar, é preciso agir e colaborar. Nesse sentido, o pesquisador propõe como projeto decolonial a “colaboração intercultural”,



SEFIC2018
UNILASALLE

CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA A
REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

22 A 27
DE OUTUBRO

articulando teoria e prática nas mais variadas modalidades de experiências colaborativas. Um projeto de tal envergadura é essencialmente processo, portanto algo inacabado e em constante renovação.

Em que pese os avanços observados em experiências sociais na América Latina, permanecem muitos questionamentos que merecem profunda reflexão. Mato (2017) questiona sobre como construir experiências de colaboração intercultural que sejam proveitosas; como lidar com as diferenças culturais e as relações de poder; o que as universidades fazem para acabar com o racismo e a xenofobia; o que e como transformar as instituições nas quais se trabalha; como fazer para que não continuem sendo monoculturais e inevitavelmente reprodutoras de uma educação epistemologicamente racista; o que de concreto pode ser feito para decolonizar e interculturalizar a educação superior na qual se forma grande parte da classe dirigente e formadora de opinião da sociedade; como aproveitar a heterogeneidade presente nas universidades para promover políticas de interculturalização; e, por fim, como avançar no diálogo de saberes para construir modalidades duradouras e mutuamente proveitosas de colaboração intercultural.

Essas preocupações também integram o programa de reflexões e discussões do Grupo de Pesquisa em Educação Intercultural da Universidade La Salle (UNILASALLE), de Canoas/RS, Brasil, coletivo de investigadores que busca articular teoria e prática em busca de um “mundo outro possível”, mediante a educação intercultural descolonizadora.

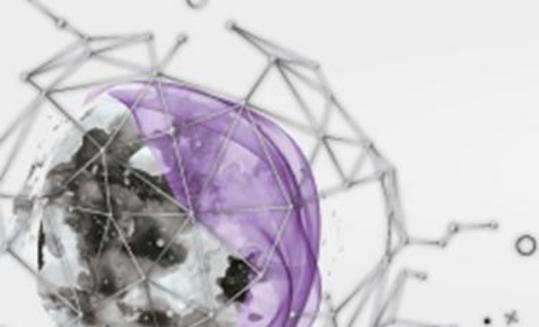
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A América Latina é complexa, múltipla, plural, desfraldando uma diversidade geográfica, histórica e cultural, tanto em termos de semelhanças quanto de diferenças. Semelhanças que aproximam e diferenças que afastam nações e Estados. O maior problema, entretanto, consiste na dificuldade que tem o Brasil – nação e Estado – de/para integrar-se na comunidade latino-americana.

De modo geral, as nações hispano-americanas olham, pensam e falam desde seu lócus. Já o Brasil está “de costas” para seus vizinhos, mirando a Europa e os Estados Unidos. As elites brasileiras estão impregnadas do pensamento colonizador, o que dificulta a inserção do Brasil na América Latina.

O processo de integração das nações latino-americanas pressupõe abertura para a negociação, para o diálogo e para a colaboração. E isso implica desprendimento de interesses e discursos nacionalistas. É preciso suprimir eventuais divergências e buscar a aproximação de todos os setores sociais, e principalmente as elites intelectuais e político-econômicas, em prol de uma efetiva integração. É preciso consolidar e incentivar experiências de “descolonização pedagógica” mediante a descolonização das elites intelectuais e políticas.

Entende-se que a interculturalidade – mais especificamente uma educação intercultural – seja o caminho para a descolonização e a efetiva integração da América Latina. E isso tem um local de onde partir: a academia. Primordialmente é preciso que os intelectuais, em especial os pesquisadores, incorporem nova atitude e nova postura no seio da academia. Concomitantemente, é mister que os acadêmicos saiam de dentro dos muros das universidades e se articulem com os grupos sociais num trabalho de “colaboração intercultural”.



SEFIC2018
UNILASALLE

CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA A
REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

22 A 27
DE OUTUBRO

Objetivando lograr êxito na perspectiva de virada no Brasil, em busca da efetiva inserção na América Latina, propõe-se que a academia brasileira promova: a) um reposicionamento da intelectualidade brasileira em relação às demais, desencadeando mudança de concepções da classe política e da sociedade em geral; b) a implementação de experiências colaborativas dentro e fora da própria academia; c) a formação de professores para a educação intercultural descolonizadora; d) a implementação da educação intercultural descolonizadora por meio de políticas públicas; e) o fomento e o incentivo da integração educacional entre as nações; e f) a descolonização da educação em termos teórico-metodológicos, com ressignificação do currículo e das práticas educativas.

Tudo que envolve educação se constitui em processo, isto é, algo incluso, inacabado. Tudo se expressa em devir, em movimento. E precisa andar. Assim, o que se propõe ainda são considerações bastante inconclusivas.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria (Org.). **Interculturalizar, descolonizar, democratizar**: uma educação “outra”? 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

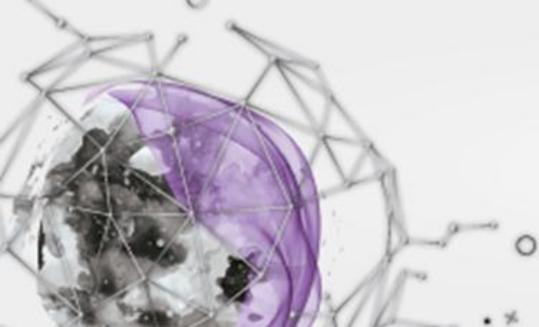
ESCOBAR, Arturo. Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de investigación de modernidad/colonialidad latinoamericano. **Tabula Rasa**, Bogotá – Colômbia, n. 1, p. 51-86, jan./dez. 2003.

GROSGOUEL, Ramón. La descolonización de la economía política y los estudios postcoloniales. Transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global. **Tabula Rasa**, Bogotá – Colômbia, n. 4, p. 17-48, jan./jun. 2006.

MALDONADO-TORRES, Nelson. La descolonización y el giro des-colonial. **Tabula Rasa**, Bogotá – Colômbia, n. 9, p. 61-72, jun./dez. 2008.

MATO, Daniel. Del “diálogo de saberes” a la construcción de modalidades de “colaboración intercultural”: aprendizajes y articulaciones más allá de la academia. **LASA FORUM**, v. XLVIII, n. 3, verão 2017. Disponível em: <<http://lasa.cmail20.com/t/y-1-hdkhtyt-tyddhhckj-d/>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

MIGNOLO, Walter D. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura – un manifesto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. **El giro**



SEFIC2018
UNILASALLE

CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA A
REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

22 A 27
DE OUTUBRO

decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 25-45.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Novos Rumos**, Marília – SP, a. 17, n. 37, p. 4-28, 2002.

RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. **Inflexión decolonial:** fuentes, conceptos y cuestionamientos. Cauca – Colômbia: Editorial Universidad de Cauca, 2010.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, conocimientos y decolonialidad. **Signo y Pensamiento**, Bogotá, v. XXIV, n. 46, p. 39-50, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/signoypensamiento/article/viewFile/4663/641>>. Acesso em: 03 dez. 2016.

_____. Interculturalidad crítica y educacion intercultural. In: VIANA, Jorge; TAPIA, Luis; WALSH, Catherine. **Construyendo interculturalid crítica.** La Paz: III – CAB, 2010. p. 75-96.